

O BARROCO EM ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA, O JUDEU. Glória Bolani Porteiro, Renata Soares Junqueira, Guacira Marcondes Machado Leite – Letras - Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara.

António José da Silva, o Judeu (1705-1739) foi um teatrólogo de óperas cômicas de extrema importância na Lisboa dos anos 30 do século XVIII. As personagens das suas peças inserem-se na senda do teatro vicentino, embora se notem nelas influências do teatro espanhol e italiano. O sarcasmo é traço marcante do autor e está contido nos seus textos, que se caracterizam por intrigas rápidas movidas pela figura do *gracioso*, criado ou subalterno que tecia todos os logros. O fim é quase sempre feliz: os fantoches quase sempre levam pancadas e é exatamente isto o que agrada ao público, provocando risos e aplausos.

Parece-nos muito produtivo ler as óperas cômicas do Judeu em relação com o contexto histórico-cultural que foi o seu. A primeira metade do século XVIII em Portugal foi conturbada pela Inquisição Católica; o teatro espanhol (que predominara durante o século anterior em solo português) passava por recente decadência, as óperas italianas atingiam apenas a elite e a estética dominante era a do Barroco. Nesse contexto, um novo gênero de teatro nasceu, provavelmente como imitação jocosa da ópera e ainda com a vantagem de os seus atores não poderem ser perseguidos pela Inquisição: o teatro de bonecos articulados, ou bonifrates, como eram então chamados em Portugal os bonecos de cortiça. António José foi o grande autor deste gênero de teatro em Portugal. No entanto, as suas óperas cômicas ainda não obtiveram dos críticos literários toda a atenção que certamente merecem.

O presente trabalho tem o objetivo de identificar os elementos que definem ou satirizam o estilo barroco na obra de António José da Silva. Como embasamento teórico, foram utilizadas as definições de barroco que se encontram no livro *História social da arte e da literatura*, de Arnold Hauser, e em *Renascença e Barroco* de Heinrich Wölfflin.

O fato de António José escrever ópera de marionetes pode ser considerado uma maneira de romper com as tradições desse período. Em *Guerras do Alecrim e Manjerona*, considerada a obra-prima do Judeu, as brigas e os mexericos da mandriona Lisboa de setecentos, dividida em facções que tomam o nome de flores, são-nos apresentadas com uma graça sorridente e uma distância que não é arrogância. As personagens de mais elevada extração utilizam uma linguagem áulica, recheada de conceitos e metáforas de linhagem barroca, mas os criados, os plebeus e as mulherzinhas riem-se de tais afetações. O uso de termos gongóricos tem a finalidade de satirizar essa sociedade que primava pela suntuosidade. A sátira de António José pretende atingir não tanto as pessoas retratadas nas personagens que criou, mas o contexto histórico-social que propiciou a sua existência. A maneira utilizada pelo autor para ironizar as injustiças daquela época, apesar de toda a tragicidade da sua vida, foi a comédia.

A produção teatral do Judeu procura a universalidade, os seus temas são extraídos da mitologia ou da tradição clássica e provocam um riso franco e frequentemente pouco elegante. Há, neste ponto, um contraste com o estilo barroco que prezava o *glamour* e a grandiosidade. O grotesco das situações tem como objetivo principal divertir o público, mostrando ao mesmo tempo a realidade em geral. Além disso, o tipo de ópera escrita pelo autor já revela sua intenção. As óperas italianas causavam furor, o melodrama tinha aparecido nos teatros régios no tempo de D. João IV, mas serão, sobretudo, os reinados de D. João V e de D. José a consagrar o sucesso da nova forma de espetáculo. O judeu compõe óperas para bonecos articulados, o que deixa clara a sua posição em relação aquele tipo de ópera que atingia apenas a elite.

Os primeiros resultados parciais da nossa pesquisa que apresentaremos, na forma de painel, apontam para o contraste criado por António José da Silva ao parodiar as grandes óperas italianas com as suas comédias concebidas para serem representadas por marionetes. Por trás da paródia dos costumes e dos tipos sociais da corte de D. João V está, afinal, a paródia da própria cultura barroca, como mostraremos com a exposição de fotografias de óperas italianas e de óperas para marionetes levadas aos palcos daquela época.

Bibliografia

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982. 2v.

PICCHIO, Luciana Stegnato. **História do teatro português**. Lisboa: Portugália, 1964.

SILVA, António José da. **A vida de Esopo e Guerras do Alecrim e da Manjerona**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1757.

TAPIÉ, Victor-L. **O Barroco**. São Paulo: Cultrix, 1983.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Renascença e Barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1989.